

# De volta ao primeiro compasso

Renato Mangolin/Divulgação

Orquestra Petrobras Sinfônica celebra 50 anos com 'O Messias', mesma obra que marcou sua estreia no ano de 1975

Por Affonso Nunes

**M**eio século depois de sua fundação, a Orquestra Petrobras Sinfônica reencontra suas origens em concerto especial nesta sexta e sábado (9 e 10) na Sala Cecília Meireles, o mesmo local da primeira apresentação. Em comemoração aos 50 anos de trajetória, o conjunto interpreta "O Messias", de Händel — a mesma obra escolhida para sua estreia em 1975, quando ainda se chamava Orquestra Pró-Música do Rio de Janeiro. Na época, o maestro Armando Prazeres conduzia o grupo estreante. Agora, quem assume o pódio é seu filho, Felipe Prazeres.

"Essa obra tem um significado profundo para a nossa história", afirma Felipe. "A orquestra nasceu de um trabalho coral, e meu pai regeu o Messias durante toda sua vida



**Felipe Prazeres rege a Orquestra Petrobras Sinfônica, criada por seu pai**

com inúmeros corais amadores." O retorno à composição de Händel não é apenas uma homenagem à fundação do grupo, mas também um gesto de continuidade e renovação — valores refletidos na própria música.

Entre os músicos que viveram essa jornada desde o início, está a violoncelista Atelisa de Salles. Presente no primeiro concerto da orquestra, ela destaca a emoção de revisitar esse repertório. "Penso no maestro

Armando quando vejo que aquele embrião de 12 pessoas em 1975 chegou aonde estamos hoje. A orquestra foi praticamente minha segunda casa. Fico imaginando o orgulho que Armando teria de ver a orquestra que ele tanto amou subir no palco para mais uma vez tocar uma obra que tantas vezes ele regeu", conta.

A temporada 2025 da orquestra marca oficialmente as comemorações do cinquentenário. Fundado por Armando Prazeres, o conjunto é reconhecido por sua gestão pioneira, conduzida pelos próprios músicos, o

que garante uma abordagem artística única. A orquestra é atualmente liderada por Isaac Karabtchevsky, diretor artístico que reforça a missão de democratizar o acesso à música de concerto e celebrar a diversidade musical.

## SERVIÇO

### ORQUESTRA PETROBRAS SINFÔNICA – 50 ANOS

Sala Cecília Meireles (Largo da Lapa, 47 – Centro) | 9 e 10/5, sexta (19h) e sábado (16h) | Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

## CRÍTICA / DISCO / KHLETXHAKA

# União da brasilidade

Por Aquiles Rique Reis\*

Hoje trataremos de um trabalho raro, o álbum "Khletxhaka" (produzido via edital de música do Programa Funarte Retomada 2023, do Ministério da Cultura). Obra que traz a musicalidade do povo Fulni-ô, uma das poucas comunidades indígenas do Nordeste do Brasil que ainda preserva a sua língua materna, aqui unida ao coletivo Ponto BR que reúne mestres da cultura popular.

Khletxhaka (que se lê klétiaká) significa cantar na língua materna dos Fulni-ô, o yaathe, que eles preservam como o sangue que os mantém prontos a lutar para sobreviver. Já o Ponto BR tem destaque na cena musical desde sempre e, principalmente, ao ganhar o Prêmio da Música Brasileira (Melhor Grupo Regional), em 2012.

Voltemos ao álbum. As composições afro-indígenas foram reveladas admiravelmente: a diversidade rítmica é o ponto alto ("Obaluaê/Luxtutwa", fx.7). Harmonias e melodias se destacam por suas criatividades

("Yaathelha Setesotwalha", fx.9). As notas mais graves pontuam cada arranjo — é empolgante ouvir a pegada do contrabaixo de Renata Amaral ("Setsô Fulni-ô", fx.1).

O naipe de percussões cria momentos em que a dinâmica ganha força ("Tombador/Yakhlethxatô", fx.5). Outro destaque são os cantos uníssono ou aberto em vozes, contagiantes, ora no canto yaathe, ora nos versos em português ("Woo Ihialha/Vamos Cirandar", fx.4).

A ancestralidade dos Fulni-ô, mesclada a cocos, cirandas, maracatus e carimbós do Ponto BR, representa a força descomunal que resiste pela sensibilidade e pela emoção com que nos toca a alma. Posso lhes afirmar que os ouvir em suas manifestações é algo que



Divulgação

nos traz esperança envolta em lágrimas. Ouça o álbum em <https://acesse.one/mgnY7>.

## Ficha técnica

### Povo Fulni-ô:

Txacumaiá Fulni-ô / Aritana Veríssimo; Tyase Fulni-ô / Yoran Veríssimo; Thulni

Fowá; Fulni-ô / Lenildo Marques; Fitxyá Fulni-ô / Francisco Ribeiro; Sawê Fulni-ô / Lenildo de Matos; Lefesaka Fulni-ô / Leone Lúcio de Sá; Fowá Fulni-ô / Jaelson Veríssimo; Taxiá Fulni-ô / Ramon Quintas. **Ponto BR:** Mestra Zezé Menezes, Mestre Walter França, Mestre Ribinha de Maracanã, Eder "O" Rocha (bateria), Henrique Menezes, Renata Amaral

e Thomas Rohrer (rabeca, sax soprano e ranckett). **Direção geral:** Renata Amaral e Tâmara Jacinto; **direção artística e musical:** Renata Amaral. **Produção artística (Povo Fulni-ô):** Txacumaiá Fulni-ô / Aritana Veríssimo. **Produção musical, mixagem e masterização:** André Magalhães. **Produção executiva:** Aline Fernandes e Tâmara Jacinto. **Gravação Estúdio 185:** André Magalhães e Beto Mendonça. **Instrumentistas (voz e percussão):** Mestra Zezé Menezes; Mestre Walter França; Mestre Ribinha de Maracanã; Henrique Menezes; Renata Amaral; Txacumaiá Fulni-ô, Tyase Fulni-ô, Thulni Fowá Fulni-ô, Fitxyá Fulni-ô, Sawê Fulni-ô, Lefesaka Fulni-ô, Fowá Fulni-ô, Taxiá Fulni-ô: voz e maracá. **Design gráfico e capa:** Andrea Pedro. **Realização:** Acervo Maracá e Onã Cultural. **Fotos:** Lela Beltrão. **\*Vocalista do MPB4 e escritor**